

Brasil Hexa em violência: a representação midiática das manifestações durante a Copa em 2014¹

Raissa Dantas de SOUSA²
Adriana Cristina OMENA dos Santos³
Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

RESUMO

O texto apresenta análise dialética da representação dada aos movimentos sociais na cobertura do site *Folha de S. Paulo* durante a Copa do Mundo da FIFA de 2014. Utiliza pesquisa de campo como coleta de dados. Aponta como principais resultados a estigmatização dos manifestantes e a contribuição no processo de criminalização das lutas sociais a partir de seus conteúdos publicados. Conclui que a mídia mantém o histórico de caracterização depreciativa dos movimentos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Movimentos sociais. Representação. Copa do Mundo. Mídia.

Introdução

Vivemos nos últimos anos um período de ascensão de lutas, manifestadas por diversas formas de ação, especialmente o movimento de ocupar as ruas em atos públicos e protesto em que a reivindicação por mais direitos e por melhorias na qualidade de vida ficam evidentes. Destacando as chamadas Jornadas de Junho de 2013, as contestações ligadas à realização de megaeventos como a Copa do Mundo da Federação Internacional de Futebol (FIFA) Brasil ganharam força, culminando em organizações amplas que se articularam e, durante a Copa em 2014, foram responsáveis por instigar outra forma de olhar este torneio, o Brasil, os brasileiros e o futebol, principalmente.

O enfrentamento entre Estado/FIFA e os movimentos sociais se apresenta como pano de fundo para a realização desta pesquisa que busca trazer a mediação da imprensa a esses conflitos como foco. Para tal, procuramos entender e apresentar qual a representação dos movimentos sociais na mídia durante a realização da Copa do Mundo da FIFA Brasil em

¹ Trabalho apresentado, com apoio Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e da Faculdade de Educação/UFU na Divisão Temática de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Recém-graduada do curso de Comunicação Social: habilitação em jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, email: dantas.raissa@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social: habilitação em jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, email: adriomena@gmail.com.br.

2014, a partir da cobertura do site Folha de S.Paulo, apresentando qual foi a contribuição do veículo na caracterização da dinâmica social durante este período.

Amparamo-nos no método dialético (SEVERINO, 2007; TRIVIÑOS, 1987) para tentar dar conta de diversas particularidades de análise que constituem a totalidade dos fatos, ressaltando elementos sociais, culturais, políticos, econômicos, etc. que convergem para a forma de agir e existir desses movimentos, do veículo de comunicação analisado e das contribuições que chegam ao leitor. Para isso, trouxemos uma concepção de movimentos sociais (GALVÃO, 2011) que se aproximasse do que já observávamos de suas realidades e em suas particularidades e, então, buscamos formas de interpretá-los, nos aproximando das discussões acerca das representações (FREIRE FILHO, 2004; HALL, 1997).

O evento analisado é o site do jornal Folha de S.Paulo, suas características e posicionamentos, chegando ao recorte dado no período analisado, ou seja, a abertura da Copa. Foram interpretados conteúdos produzidos no dia 12 de junho de 2014, que tratavam de movimentos sociais, os sujeitos das representações que do jornal. O fechamento da pesquisa se dá no capítulo seguinte, quinto e último, em que trazemos considerações finais sobre o tema, as contribuições da pesquisa e possíveis derivações para este trabalho.

Movimentos sociais, as manifestações de 2013 e sua representação midiática

A teoria sobre movimentos sociais tem avançado significativamente no campo da academia, de maneira plural e disputável do ponto de vista ideológico e conceitual. Partindo de elementos específicos de composição do sistema capitalista, particularmente propícios para a formação de organização dos chamados movimentos “reivindicativos”, além dos movimentos “revolucionários” que marcaram a história do mundo nos processos de rupturas com velhas ordens sistêmicas, nos amparamos às conclusões de Armando Boito Júnior (2001) para nos aventurarmos na compreensão das origens teóricas sobre movimentos sociais que, dentro da tradição marxista, inaugurou-se via movimentos sindicais e operários.

A partir disso, seguimos em busca das teorias dos movimentos sociais pelo prisma formulado e debatido por Ângela Alonso (2009) que coloca, via contexto histórico-político-cultural, as transformações sofridas pelos movimentos populares a partir da segunda metade do século XX, que originaram desdobramentos nas teorias tradicionais dos movimentos sindicais, pautando três grandes vertentes teóricas que buscavam dar cabo ao tema e à dinâmica histórica. Foram elas: a Teoria de Mobilização de Recursos, a Teoria do Processo

Político e a Teoria dos Novos Movimentos Sociais; sendo esta última a de maior popularidade dentro dos espaços acadêmicos latinoamericanos.

Para caracterizarmos movimentos sociais e, sobretudo, os movimentos aos quais nos referimos, precisamos contextualizar historicamente manifestações políticas de juventude que, nos últimos anos, têm articulado e modificado as conjunturas do mundo todo. Geração que, de maneira geral, sofria com a retirada de direitos sociais e se via em meio à precarização generalizada das esferas de suas vidas, partindo então para a organização da ação coletiva em prol dos seus interesses comuns. “Desse modo, é possível destacar a importância da oposição de classes na emergência e estruturação dos movimentos sociais, uma vez que os conflitos que estes expressam estão, em parte, relacionados aos efeitos da exploração e da dominação capitalistas” (GALVÃO, 2011, p.110)

Em meio à Copa das Confederações da FIFA em 2013, que ocorria em período concomitante aos levantes sociais, surgiram as contestações acerca do investimento de dinheiro público brasileiro na realização da Copa do Mundo da FIFA em detrimento de outras prioridades. Como sintetiza Oliveira (2013, p.39), “As reivindicações apontam padrões de conflitividades que revelam o esgotamento do projeto de cidade e de país voltado para os Mega Eventos e Mega Projetos”. Ou seja, a construção da Copa do Mundo da FIFA no Brasil em 2014 que era tida como concretização de um projeto de poder em construção no país há uma década “passou de esperança de redenção de boa parte dos problemas enfrentados cotidianamente pela população nas cidades a inimigo número dois das expectativas de direitos traçadas pelos mesmos habitantes, somente atrás dos parlamentares e gestores dos poderes executivos” (FONSÊCA, 2013, p.7).

Neste sentido, consideramos evidente a intrínseca relação da “velha mídia” com um dos elementos centrais nas manifestações, seja de 2011 no mundo, seja de 2013 em diante no Brasil: o questionamento à representação. “Não é a primeira vez em nossa história política recente que a velha mídia se autoatribui o papel de formadora e, simultaneamente, de expressão da vontade das ruas, vale dizer, da “opinião pública”. “[...] a velha mídia não só faz parte como de fato agrava a crise da representação política” (LIMA, 2013, p.93). Este modelo de oligopólio nas corporações comunicacionais que produzem e difundem as informações no mundo como é hoje não representam, bem como é possível que nunca tenham representado, essas gerações que se põe em movimento nas ocupações ou manifestações de ruas e praças, assim como já foi colocada a negação, ou o forte e recorrente questionamento acerca da democracia representativa, que formam uma interseção de pautas.

No início dos conflitos sociais de junho de 2013, a cobertura da grande mídia caracterizava os movimentos sociais de maneira pejorativa e contestatória, na tentativa de desmobilizar os militantes que se colocavam em ação. No decorrer dos dias, a própria mídia mostrou que a violência policial se intensificou e a repressão passou a atingir não somente os manifestantes que ocupavam as ruas, mas também jornalistas e trabalhadores das comunicações que ali estavam para cobrir os acontecimentos. Com ápice na truculência militar de 13 de junho de 2013, e a partir de então, a grande mídia passou a questionar o aparato repressor nas ruas. Apesar da temporária realocação discursiva, de maneira geral, percebeu-se o movimento da mídia no sentido de caracterizar uma fração dos manifestantes e movimentos sociais presentes nas ruas com termos semanticamente fortes, como “vândalos”, e, em contraposição, outra fração como “pacíficos”, apresentando os “violentos” ostensivamente em suas chamadas, sempre em destaque.

Compartilhamos com Fonsêca (2013) da interpretação sobre o que se deu, de maneira geral, na conflituosa relação entre mídia e manifestantes em 2013, em que os meios de comunicação hegemônicos se orientaram editorialmente no sentido de estigmatizar⁴ negativamente, ou mesmo silenciar, trazendo à invisibilidade⁵ determinadas parcelas sociais presentes nas ruas. O autor complementa, ainda, que “do ponto de vista político, hegemonicamente, ela legitima e chancela a violência coercitiva (física) que o Estado, via forças policiais, pratica contra os manifestantes; do ponto de vista cultural – no sentido amplo do termo – ela mesma executa uma violência simbólica (discursiva) contra amplos grupos sociais, demonizando-os” (FONSÊCA, 2013, p.18).

Neste ponto, com a indicação de pressupostos acerca da representação, evidenciamos o papel da linguagem na produção de significados do objeto tratado, carregando de sentido, carga cultural, elementos ideológicos e expectativas sociais. Por isso nos ancoramos na centralidade da disseminação dos meios de comunicação de massa às representações dadas aos movimentos sociais trabalhados, visto seu potencial de inserção como fonte de

⁴O conceito “estigmatizar” será tratado na pesquisa a partir de seu significado comum, que seria no sentido de marcar, tachar, classificar algo, podendo ser impresso significado pejorativo ou apreciativo.

⁵A invisibilidade dos movimentos ou parcelas sociais é trabalhada neste texto de maneira ampla, uma vez que entendemos este fenômeno a partir de diversos movimentos comunicacionais como, por exemplo, pela supressão de fatos nas coberturas midiáticas, ou pelo desnivelamento espacial e/ou temporal de destaque a determinado personagem num registro jornalístico, em detrimento de outro. Podemos, ainda, complementar a pluralidade deste mesmo fenômeno amparados na leitura de Thompson (2008) sobre formas de visibilidade mediadas, em que considera que “o campo da visão não está mais restrito às características espaciais e temporais do aqui e agora, ao invés disso molda-se pelas propriedades distintas das mídias comunicacionais, por uma gama de aspectos sociais e técnicos (como angulações de câmera, processos de edição e pelos interesses e prioridades organizacionais) e por novas formas de interação tornadas possíveis pelas mídias”.

conhecimento acerca das atualidades para a população em geral. Nesse sentido, Rocha (2006) conclui que a linguagem se torna o elemento central no processo de construção de representações visto tais preceitos apontados. Assim sendo, para que a assimilação da linguagem enquanto elemento plural (semântica, imagética, simbólica, cultural, etc.) caiba em nosso trabalho, buscamos contato com o amplo leque de acontecimentos e seus desdobramentos, que nos possibilitaram uma análise ampliada da representação dos movimentos sociais na Copa do Mundo.

Os movimentos sociais e a Copa do Mundo da FIFA 2014

A vigésima edição da Copa do Mundo da FIFA, que teve sua estreia no Uruguai em 1930, retornou ao Brasil após 64 anos passados de sua primeira edição neste território. O mundial é alvo de debates acerca da relação entre a realização deste megaevento e as manifestações que ocorreram no Brasil predominantemente a partir de junho de 2013 e, assim sendo, torna-se um dos pilares da pesquisa. A demanda popular por serviços públicos ligados a saúde, educação, moradia, mobilidade, saneamento básico, dentre outros, foi destaque na pauta de reivindicações dos movimentos sociais, que apresentavam-se pelo chamado “Vem pra rua”⁶, desdobrando-se embrionariamente em “Não vai ter Copa”⁷, dada a confluência de acontecimentos em 2013. Ainda criado pelas vozes que ecoaram das manifestações, a população passou a apresentar dentro de suas exigências, cumprimentos das reivindicações alcançando “padrão-FIFA”⁸.

Posteriormente, já em 2014, o dia 15 de maio, conhecido por 15M, ficou marcado ao preceder o torneio da FIFA com o chamado do “Dia Internacional de Lutas Contra a Copa”, convocado pela Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa – Ancop (ARTICULAÇÃO, 2014), o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto – MTST (SEM-TETO, 2014), o Movimento Passe Livre – MPL (APRESENTAÇÃO, 2014), dentre outras organizações de trabalhadores e da juventude. Como afirmado na pauta do chamado 15M (SPa, 2014), os questionamentos sociais vindos do Brasil sobre a Copa do Mundo da FIFA ganharam visibilidade e solidariedade de outras organizações sociais internacionais.

⁶Termo utilizado nas manifestações originárias em junho de 2013 que pautavam a redução no aumento das tarifas do transporte público em diversas cidades brasileiras. (VEM, 2015)

⁷Termo utilizado por manifestantes contrários à realização da Copa do Mundo da FIFA Brasil.

⁸Termo utilizado nas manifestações originárias em junho de 2013 para expressar qualidade nos serviços demandados. Por exemplo, quando utilizado na frase “quero educação padrão-FIFA”, se quer expressar inicialmente o descontentamento com o padrão de educação oferecido e se demanda investimento e execução em melhorias estruturais e no projeto de educação.

Desde então, estes movimentos, integrados a outros tantos, se apresentam pela consigna “Copa Sem Povo, Tô Na Rua De Novo”⁹ (COPAb, 2014), que remeteu à ocupação urbana “Copa do Povo”¹⁰ (SPc, 2014), organizada pelo MTST, que fica a 3,5 quilômetros da Arena Corinthians, zona leste de São Paulo/SP, que recebeu o jogo de estreia da Copa no Brasil. Nesta movimentação, somaram-se no mês precedente ao início da Copa do Mundo da FIFA 2014 revés de trabalhadores, em especial as ligadas ao transporte público e a educação, que paralisaram grandes centros brasileiros como Rio de Janeiro/RJ e São Paulo/SP. Além das greves, houve uma intensificação e radicalização nas lutas populares por moradia, em que o MTST adquiriu respaldo e visibilidade.

É necessário compreender a centralidade da comunicação nesses processos de visibilidade ou silenciamento desses conflitos sociais. Apesar de parte da mídia alternativa¹¹ garantir parte dos registros desses ocorridos, seja por fotos, audiovisual ou produções de texto, a amplitude de alcance do público é pífia em comparação à amplitude que os veículos de comunicação de massa têm. Em reconhecimento à trajetória das coberturas feitas pela grande mídia nos processos de mobilização a partir de junho 2013, pode-se verificar a contribuição aos processos criminalizatórios¹² dos ativistas e de suas causas, além da frágil abertura a disputas ideológicas, como em referência ao deslocamento de sentido do discurso dos grandes jornais a partir de 13 de junho de 2013, quando seus jornalistas foram vítimas dos abusos militares nas manifestações e estes tiveram que destacar as ilegalidades policiais em detrimento das reações dos movimentos sociais.

A representação da Copa na Folha de São Paulo

⁹Termo utilizado pela Ancop como chamamento aos movimentos sociais e à população brasileira para as manifestações previstas para a Copa de 2014 e, também, para apresentar o manifesto do 15M que marcou o início dos protestos que antecederam o campeonato em 2014.

¹⁰Em nota publicada pelo MTST em sua página no Facebook, foi apresentado que “a ocupação é uma demonstração de que os investimentos da Copa em Itaquera não atenderam aqueles que mais precisam. Enquanto foi gasto mais de R\$1 bilhão no estádio, sem contar as obras de acesso, milhares de famílias não têm acesso à moradia em Itaquera” (SPb, 2014).

¹¹Compreendemos por “mídia alternativa”, veículos de comunicação que não são oriundos dos oligopólios nas corporações comunicacionais e que contribuem para o processo de comunicação contra-hegemônica (MORAES, 2010).

¹²Entendemos, partindo de extensa observação, que a mídia pode cumprir função em contribuir para processos criminalizatórios dos movimentos sociais e de seus ativistas partindo da apreensão de que reforça estereótipos, por exemplo, quando se refere a determinadas táticas utilizadas por grupos em manifestações (como pela construção de barricadas, pelo uso de máscaras, etc.), inculcando no imaginário da população um vínculo entre determinada característica e violência ou agressividade. Para estes personagens construídos pela mídia, a forma utilizada em seu combate é quase que em totalidade a utilização de técnicas anti-manifestação pela polícia.

A presente pesquisa referente à representação dos movimentos sociais pela mídia durante a realização da Copa do Mundo da FIFA recebeu abordagem qualitativa (TRIVIÑOS, 1987), partindo do pressuposto metodológico dialético (TRIVIÑOS, 1987). Tal metodologia foi definida partindo do princípio que a dialética possibilita o olhar, o analisar e o compreender do mundo de maneira plurilateral, tomando por princípios a materialidade da situação em si e, ainda, o contexto histórico, social, cultural, econômico e coletivo da esfera selecionada.

Inicialmente buscamos complementar e aprofundar leituras sobre diversos temas que orbitam nossa pesquisa, em especial sobre movimentos sociais, representação, Copa do Mundo da FIFA e o próprio método dialético. Concomitante a estas etapas, atuamos em campo realizando a coleta de dados para análise durante o próprio período de realização da Copa do Mundo da FIFA no Brasil em 2014, ocorrida entre o período de 12 de junho de 2014, data do primeiro jogo da competição, até 13 de julho de 2014, data da final da Copa, incluindo os dias em que não houve jogos do mundial. A coleta partiu da página inicial do site da Folha de S.Paulo, diariamente no período a partir das 12h, horário de Brasília, seguindo para a busca e registro de todos os conteúdos específicos que fossem relacionados aos movimentos sociais e à Copa do Mundo.

A escolha do site da Folha de S.Paulo como produto comunicacional de busca para esta pesquisa parte da prerrogativa de que o site, uma plataforma ampliada de produção do jornal Folha de S.Paulo, apresenta concepções e amplitude no lastro de leitores e, também, de produtores de conteúdo, que o faz possuir particularidades e diferenciais, seja de forma, conteúdo e, inclusive, quantidade. O veículo de comunicação escolhido “é hoje o jornal com a segunda maior circulação do Brasil, com média diária de 294,8 mil em 2013, segundo o Instituto Verificador de Circulação (IVC)” (FOLHA, 2014), podendo, logo, ser compreendido por seu respaldo, concluindo desdobramentos de acesso em seu conteúdo digital.

Em sequência à apresentação do veículo selecionado, consideramos o período durante a Copa do Mundo da FIFA para coleta de dados a partir da potencial de articulação dos movimentos sociais para convocarem manifestações e atos públicos, vide a trajetória dos fatos que se intensificaram a partir da Copa das Confederações da FIFA em 2013, seguindo até os meses que antecederam o campeonato mundial de futebol, além da visibilidade que esse período teve na pauta do calendário jornalístico mundial, trazendo fatos agendados ou não no protocolo padrão de acontecimentos do torneio.

Após tais considerações, realizamos leitura pormenorizada do material coletado e selecionamos o *corpus* de análise, que levou em consideração o período, dentre as quatro semanas de coleta, com maior quantidade de inserção nas mídias de coberturas sobre manifestações e movimentos sociais, visto que conhecer a quantidade de um objeto significa avançar no conhecimento do objeto (TRIVIÑOS, 1987, p.66). Este período trabalhado em foco foi da primeira semana da Copa do Mundo da FIFA, com destaque ao dia 12 de junho de 2014, abertura da Copa¹³. Por essa delimitação, nos amparamos também na formulação de Triviños (1987) acerca de formas metodológicas para se trabalhar o fenômeno. O autor destaca que “a ‘coisa’ apresenta-se como ela é, como o que representa, com seu significado para a existência da sociedade. O objeto é assim captado em sua qualidade geral” (TRIVIÑOS, 1987, p. 74) esclarecendo à pesquisa sua busca no caráter genuíno de “qualidade geral”, em que seguiremos analisando como a Folha de S.Paulo representou os movimentos sociais durante a Copa do Mundo em 2014.

Os conteúdos mais encontrados dentre todos os dias analisados foram reportagens sobre manifestações, seguidos de textos opinativos de colunistas ou articulistas e, ainda, editoriais do jornal. Apresentando de maneira cronológica os resultados de análise, o primeiro dia de jogos da Copa, 12 de junho de 2014, foi dentre todos o que teve maior volume de conteúdos relacionados à pesquisa, totalizando 17 registros ligados aos movimentos sociais.

As manifestações durante a copa em 12 de junho de 2014

A começar pelo editorial “Vai ter Copa”, o jornal traça um paralelo sobre as manifestações descrevendo a motivação dos protestos de maneira pouco fiel à realidade ou, ainda, pendendo de alguma forma a pontos econômicos das reivindicações, suprimindo debates políticos trazidos com as Jornadas de Junho. No editorial é destacado que “os protestos concentraram e catalisaram a exasperação com a corrupção, com a inflação, com o crescimento pífilo da economia” (EDITORIAL, 2014) que se comparado às características supracitadas nesta pesquisa, podem ser diretamente confrontáveis no sentido de que, apesar de apresentarem pautas econômicas, estas eram sustentadas a partir de um plano político, um questionamento macro, que se importa mais com a forma como os recursos públicos do país

¹³Optamos por fazer um cálculo subdividindo todo o período da Copa do Mundo da FIFA Brasil em semanas (contagem de 7 dias a partir do início dos jogos, em 12 de junho, uma quinta-feira, sendo assim uma contagem não tradicional de semanas que se inicia no domingo e finda no sábado), sendo que na primeira, de 12 a 18 de junho de 2014, apareceram 23 conteúdos relacionados com movimentos sociais. Na semana de 19 a 25 de junho, bem como de 26 de junho a 02 de julho de 2014, encontramos 11 publicações referentes a movimentos sociais. Já na semana seguinte, de 03 a 09 de julho de 2014, obtivemos 6 resultados e, por fim, entre os dias 10 e 13 de julho de 2014, encontramos 5 produtos (período inferior ao montante de 7 dias).

estão sendo distribuídos, do que com o “crescimento pífio da economia”. Em seguida, apresenta em números a queda de apoio dos brasileiros em relação à realização da Copa, que chegou aos 51% nas vésperas do campeonato (EDITORIAL, 2014).

Seguindo as análises, passamos às reportagens sobre as manifestações do próprio dia 12, tendo como referência uma produção geral que aglutina todas as movimentações da cidade de São Paulo, intitulada “Black blocks ‘invadem’ ato no Tatuapé e confrontam a PM”, que faz referência, ainda, às reportagens “PM dispersa protesto na zona leste; seis pessoas ficam feridas” (SOUZA; MONTEIRO, 2014) e “Copa do Mundo começa com protesto e confronto; envie foto ou relato” (COPAA, 2014). Trata-se do relato sobre as manifestações que ocorreram no Tatuapé, nas proximidades da estação Carrão do metrô em São Paulo (SP) e na Copa do Povo. Destacamos a construção dos movimentos sociais neste contexto, primeiramente sendo enumerados com informações desencontradas, desde a participação de 50 manifestantes, até 100 manifestantes (SOUZA; MONTEIRO, 2014), apresentando uma discrepância considerável. Desdobrando a primeira manifestação, é informado que houve confronto entre manifestantes e policiais (BLACK, 2014; SOUZA; MONTEIRO, 2014), entretanto o que se encontra descrito é um cenário de imposição de restrição no trajeto da manifestação pela Polícia Militar (PM) e, para efetivar este cumprimento, a utilização de bombas de gás e balas de borracha que foram disparadas na direção dos manifestantes. Destacamos este trecho pela própria reflexão que o termo “confronto” deveria ter quando utilizado pela mídia, uma vez que o que observamos é o avanço, em forma de repressão, da PM sobre os movimentos sociais, ou seja, um *confronto da* PM sobre os manifestantes, e não um *confronto entre* eles¹⁴.

Os protestos da cidade de São Paulo foram, ainda, registrados numa série de fotografias reunidas na reportagem “Copa do Mundo começa com protesto e confronto; envie foto ou relato”, tendo como destaque um jovem que segura um cartaz com os dizeres “Não vai ter Copa”, logo no início e, no fim, uma mulher ferida sendo carregada numa maca por bombeiros. Quase em totalidade os registros apresentam a grande quantidade de policiais presentes no ato, em algumas fotos dando tiros, imobilizando ou revistando manifestantes, além de aparecerem como primeiro plano em fotografia com a presença de bandeiras e faixas de movimentos sociais. Esta matéria trazia, também, um apanhado geral de todas as mobilizações que ocorreram e ocorreriam na cidade naquele dia, evidenciando o “confronto”

¹⁴Reflexão fundamentada com referências, ainda, nas contribuições de Eliane Brum sobre o primeiro ato contra o aumento da passagem na cidade de São Paulo e a violência policial. (BRUM, 2015)

entre polícia e manifestantes. É interessante observar que no texto a justificativa para o “confronto” seria a possível ocupação de uma das vias de acesso ao estádio da estréia da Copa. Entretanto, não há registro de imagem que ofereça elementos ilustrativos dessa ação ofensiva dos movimentos sociais em potencial.

Ainda em 12 de junho de 2014 encontramos a reportagem “Protesto contra a Copa reúne cerca de 400 no Centro do Rio” (ALVES, 2014). A chamada do texto é clara, informa sobre um protesto *contra* a Copa, entretanto o que se encontra logo em seu segundo parágrafo diverge com a informação inicial, diz que “os manifestantes são educadores da rede federal, estadual e municipal, além de outras categorias profissionais que reivindicam por salários e condições de trabalho ‘padrão FIFA’” (ALVES, 2014)¹⁵, ou seja, movimentos sociais que estavam nas ruas em busca do cumprimento e/ou melhorias de seus direitos trabalhistas. Além do título, há ainda um trecho em que são citados cartazes contra a copa, porém o único registro por fotografias em que aparece algo escrito é uma faixa com os dizeres “Copa sem povo, tô na rua de novo”. A reportagem aborda, ainda, o esvaziamento da manifestação, já que mais de seis mil pessoas haviam registrado presença nas redes sociais, mas na concentração do ato o número de ativistas foi significativamente menor, o que não parecia preocupar os participantes, que afirmaram que “a baixa adesão até o momento não enfraquece o movimento, que pretende chamar a atenção dos governos e da população para a luta de classe” (ALVES, 2014). Consideramos positivo para a construção de representação dos movimentos sociais, de maneira geral, o direcionamento positivo do tratamento de dados contidos na matéria e, ainda, a inclusão de considerações dos próprios militantes que compuseram a manifestação, porque se compararmos às reportagens já analisadas, nesta houve a primeira construção de visibilidade dos movimentos sociais enquanto sujeito no registro. Apesar disso, ponderamos o conteúdo do registro fotográfico apresentado na mesma reportagem, que apresenta predominância de pessoas com os rostos cobertos por panos ou máscaras e vestidas em sua maioria com roupas pretas, trazendo referência à forma como a grande mídia construiu durante todo o período anterior os ativistas que utilizavam da tática “Black Bloc”, o que diverge da apresentação dada à manifestação noticiada.

¹⁵A única nomenclatura de movimento social dada na matéria é do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) que, apesar de ser um partido político (e na teoria marxista possuir divergências de categoria com movimentos sociais), pode ser considerada como elemento constituinte nestes movimentos, uma vez que reconhecemos sua participação, bem como de alguns outros partidos políticos, na composição e construção das manifestações brasileiras. É importante, ainda, compreender que existem particularidades na dinâmica de atuação dos partidos políticos e sindicatos, na atualidade, uma vez que estes direcionam suas atuações de forma colateral ou não dentro dos movimentos sociais (por exemplo: movimento estudantil, feminista, ambientalista, étnico, de diversidade sexual, etc.), com participação ativa.

Seguindo, a reportagem “Mídia destaca esquema de segurança contra protestos e terrorismo na Copa” (MÍDIA, 2014) trata do alto valor investido no sistema de segurança montado para conter manifestações e cita reportagem da National Broadcasting Company (NBC) News que informa sobre as prioridades de ação das forças armadas brasileiras indicando em primeiro lugar a contenção de manifestações, em segundo lugar a proteção contra assaltos e, por último, as ameaças terroristas. Não sendo suficientemente questionável do ponto de vista da construção de interpretação sobre os protestos brasileiros, afirmam na reportagem que a rede de televisão norte-americana considera que “‘há razão para preocupação’ devido à onda de protestos do ano passado”. Além disso, a própria Folha traz a palavra de um especialista em riscos dos países, que considera os protestos “Não vai ter Copa” como principais preocupações para o período. Dessa maneira não é possível observar um contraponto à ameaça ou risco que as manifestações poderiam trazer e, assim sendo, possibilitando uma interpretação negativa e estereotipada dos movimentos sociais que as constroem, por (também) vincularem os “confrontos” ocorridos nos protestos à presença de “Black Blocs” “infiltrados”.

Ainda no formato de reportagem (com toque de perfil), “Na abertura da Copa, brasileiros se dividem entre entusiasmo e revolta” (MELLO, 2014) apresenta de maneira pessoalizada quatro personagens favoráveis e quatro personagens contrários à realização da Copa do Mundo da FIFA no Brasil. Dentre os entusiasmados, retrataram dois brasileiros e dois estrangeiros e, dentre seus posicionamentos, destacamos o único que se relaciona ao tema da pesquisa, que afirma que “a seleção não tem nada a ver com os problemas do Brasil” e que “acha que essa onda de torcer contra a Copa não está com nada”. Por outro lado, os quatro personagens revoltados com o campeonato apresentam pontos de vista e argumentos políticos para justificar seus argumentos, sendo que duas destas são integrantes de movimentos sociais, uma do MPL e outra do Comitê Popular da Copa. Destacamos, dentre todos os argumentos, o que considera que “a única coisa boa é que a Copa energizou os movimentos sociais”, vindo de um jovem que afirmou que participaria de manifestações durante o período da Copa, apresentando críticas ao legado do torneio. Compreendemos esta reportagem como ponto referencial de uma construção favorável aos movimentos sociais, se observarmos pelo prisma argumentativo, de debate que possibilita convencimento, pois oferece um espaço igual para apresentar opiniões e possibilita interpretações e debates de gênero que trazem as mulheres à condição de empoderamento, inclusive no que diz respeito a política e esporte.

Considerações Finais

Ao longo deste trabalho, buscamos apresentar elementos que contribuíssem inicialmente para o processo de compreensão da nova dinâmica dos movimentos sociais brasileiros, neste caso, atuando durante a Copa do Mundo da FIFA no Brasil em 2014. Para tal, fomos em busca de interfaces com questões que extrapolam a área da Comunicação Social por reconhecermos que a produção de conhecimento se torna mais enriquecida na convergência dos elementos que constituem a realidade. Este trabalho traz consigo o anseio de reunir uma totalidade de estímulos para que se desenvolvam a partir da apropriação de futuras reflexões sobre uma mesma realidade. Gostaríamos de abordar algumas outras questões que, para a delimitação dada em nosso questionamento motivador, extrapolariam a temática, então as colocamos nestas considerações como forma de instigar próximos trabalhos.

Esta pesquisa abordou as representações sociais no que tange os movimentos sociais construídos a partir da cobertura da mídia, neste caso, do site Folha de S.Paulo. Em seu processo de desenvolvimento, procuramos acompanhar constantemente o que acontecia e o que se produzia sobre a Copa, em especial o que tinha ligação com os movimentos sociais e as manifestações do período. A coleta de dados foi realizada diariamente e conjuntamente à realização do campeonato em 2014, seguida de leituras sobre o tema da monografia e, também, do tratamento destes dados. A qualidade em coletar paralelamente ao desenvolvimento das outras competências da pesquisa foi favorável ao passo que possibilitou atenção ao curso do processo do que acontecia.

Analisando tudo que foi encontrado, percebemos como é fundamental expor os padrões de posicionamento da mídia brasileira a partir do que encontramos na cobertura da Folha de S.Paulo, uma vez que fundamenta críticas e proposições sobre o papel que estes veículos de comunicação deveriam cumprir. Sabemos que no material interpretado foram encontrados indícios de manutenção de um histórico de representação que estigmatiza negativamente os movimentos sociais seus ativistas, contribuindo para a formação de pré-conceitos e julgamentos que deturpam seus ideais e suas organizações, justificando a violência dos estados e da nação sobre estes ativistas, inclusive criminalizando-os. A comunicação, quando feita a serviço da sociedade e em detrimento de prioridades financeiras e políticas, se torna elemento emancipador, apropriando o povo com o que acontece na dinâmica do mundo, mas quando esta mesma comunicação se presta a realizar a

intermediação dos fatos servindo ao *status quo* do que é mais hegemônico e conservador, ela – a comunicação – conserva também meias verdades, apresentando um ponto de vista de prioridades questionáveis quando se pensa um projeto de sociedade democrática.

Os movimentos sociais historicamente são sujeitos que atuam em situações de conflito, o que nos faz crer na necessária reflexão sobre os muitos papéis de violência que caminham conjuntamente a eles. É possível destacar a violência simbólica que a mídia exerce sobre estes movimentos, e que foi pincelada no desenvolver da pesquisa, mas que merece atenção e investigação específica por ser um aparelho ideológico tão complexo; além deste tipo de violência, destacaríamos a coerção policial, que se vale do uso legítimo da forma garantida pelo Estado, e a violência própria dos movimentos sociais, que pode surgir inclusive em reação à pontuada anteriormente, como pontos relevantes dentro deste tema.

Outro tema que nos instiga é a forma como a mídia alternativa e os próprios instrumentos comunicacionais dos movimentos sociais que se mobilizaram durante a Copa retrataram sua luta, os enfrentamentos que sofreram da polícia, as percepções sobre a forma como eles próprios se viam nos registros externos, realizando a análise a partir do sujeito ativo e de veículos de comunicação contra-hegemônica. Além deste, mas ainda sobre os movimentos sociais, a questão de gênero na representação e construção de espaço da mulher nestes movimentos, desdobramentos no empoderamento de vozes e personagens femininas dentro da mídia e fora dela, na constituição dos próprios movimentos.

O MTST merece destaque nas mobilizações da Copa, bem como o MPL fez jus aos chamamentos dos atos que foram a fagulha para as Jornadas de Junho. Sendo assim, enfatizamos o papel deste movimento sem-teto na dinâmica dos protestos, na capacidade de organização do movimento e de suas ocupações, na constituição formadora que imprime coerência em seus métodos. Do ponto de vista das comunicações, observamos que durante o período da Copa do Mundo, o coordenador geral, Guilherme Boulos, assumiu uma coluna no site do jornal Folha de S.Paulo, produzindo neste espaço a partir de 26 de junho de 2014. Ao nos depararmos com este fato, a campanha “Concordando ou não, siga a **Folha**, porque ela tem suas posições, mas sempre publica opiniões divergentes” (MANIFESTAÇÕES, 2014, grifo do autor) retornou à nossa lembrança e nos fez refletir sobre algumas suposições de como o marketing do jornal atuaria neste e em outros convites para o expediente do veículo.

Por fim, gostaríamos de apresentar o potencial interpretativo que a própria publicação de “O que a Folha pensa” (O QUE, 2014), e sua série audiovisual, têm. A comunicação se valendo dela mesma como objeto de análise, a auto-apresentação

investigada, confrontada, comprovada, etc., pode ser combustível para reflexões críticas mais palpáveis aos meios de comunicação em geral, mas especialmente à Folha.

Esperamos que as manifestações ocorridas durante a Copa do Mundo da FIFA no Brasil sejam apenas linhas iniciais de uma história que vem sendo escrita e que registrará profundas e, desejamos, radicais mudanças no cenário político, econômico, cultural e social do Brasil e do mundo.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Angela. **As Teorias dos Movimentos Sociais**: um balanço do debate. Lua Nova, 76, p. 49-86, 2009.

APRESENTAÇÃO: Sobre o MPL. 2014. **Passe Livre**. Disponível em: <<http://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/>>. Acesso em: 03 ago. 2014.

ARTICULAÇÃO Nacional dos Comitês Populares da Copa. Que um grito de gol não abafe a nossa história. 2014. Encontro dos/das Atingidos/as – Quem perde com os Megaeventos e Megaempreendimentos. 1. **Portal Popular da Copa e das Olimpíadas**. Disponível em: <http://www.portalpopulardacopa.org.br/index.php?option=com_k2&view=item&id=586:carta-do-i-encontro-dos/das-atingidos/as>. Acesso em: 16 jun. 2014.

BOITO JUNIOR, Armando. Pré-capitalismo, capitalismo e resistência dos trabalhadores. **Crítica Marxista**. São Paulo, v. 12, p. 77-105, 2001.

BRUM, Eliane. Meu ‘confronto’ com a polícia de Alckmin: Na primeira grande manifestação de 2015, em São Paulo, um dos “vândalos” era eu. 2015. **El País**. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/10/opinion/1420896908_403524.html>. Acesso em: 19 jan. 2015.

COPAA do Mundo começa com protesto e confronto; envie foto ou relato. **Folha de S.Paulo**. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/06/1469155-copa-do-mundo-comeca-com-protesto-e-confronto-envie-foto-ou-relato.shtml>>. Acesso em: 19 jan. 2015.

COPAb Sem Povo, Tô Na Rua De Novo. 2014. **Facebook**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/copasempovotonaruadenovo?ref=ts&fref=ts>>. Acesso em: 03 jun. 2014.

EDITORIAL: Vai Ter Copa. **Folha de S.Paulo**. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2014/06/1468932-editorial-vai-ter-copa.shtml>>. Acesso em: 19 jan. 2015.

FOLHA divulga sua opinião sobre polêmicas. **Meio&Mensagem**. 2014. Disponível em: <<http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2014/02/19/Folha-divulga-sua-opiniaio-sobre-polemicas.html>>. Acesso em: 19 jan. 2015.

FONSÊCA, Daniel. Não dá para não ver : as mídias nas manifestações de junho 2013. **Análise / Friedrich Ebert Stiftung Brasil**, v. 1, 2013.

FREIRE FILHO, João. Mídia, Estereótipos e Representação das Minorias. **ECO-PÓS**-v.7, n.2, agosto-dezembro 2004, p.45-71.

GALVÃO, Andréia. Marxismo e movimentos sociais. **Crítica Marxista**, São Paulo, n. 32, p. 107-126, 2011.

HALL, Stuart. **Representation**: cultural representation and signifying practices. London/New York, Sage, 1997, p.15-30.

LIMA, Venício. Et al. **Mídia, rebeldia urbana e crise de representação**. LIMA, Venício. **Cidades rebeldes**: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. Coleção Tinta Vermelha. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2013, p. 89-94.

MANIFESTAÇÕES: o que a Folha pensa. **Folha de S.Paulo**. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/multimedia/videocasts/2014/08/1493934-manifestacoes-o-que-a-folha-pensa.shtml>>. Acesso em: 19 jan. 2015.

MELLO, Patrícia Campos. Na abertura da Copa, brasileiros se dividem entre entusiasmo e revolta. 2014. **Folha de S.Paulo**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/06/1468964-na-abertura-da-copa-brasileiros-se-dividem-entre-entusiasmo-e-revolta.shtml>>. Acesso em: 19 jan. 2015.

MÍDIA destaca esquema de segurança contra protestos e terrorismo na Copa. **Folha de S.Paulo**. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2014/06/1469169-midia-destaca-esquema-de-seguranca-contra-protestos-e-terrorismo-na-copa.shtml>>. Acesso em: 19 jan. 2015.

MORAES, D. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. Porto Alegre: **Revista Debates**, v.4, n.1, p.54-77, 2010.

O QUE, a Folha pensa. **Folha de S.Paulo**. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/152882-o-que-a-folha-pensa.shtml>>. Acesso em: 19 jan. 2015.

OLIVEIRA, Denílson Araújo de. ALGUMAS PALAVRAS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES E CONFLITOS SOCIAIS NO RIO DE JANEIRO A PARTIR DE JUNHO DE 2013. **Ensaios de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.32-51, 2013. Disponível em: <<http://www.ensaios-posgeo.uff.br/index.php/EG/article/view/36/44>>. Acesso em: 03 ago. 2014.

ROCHA, Simone Maria. DEBATE PÚBLICO E IDENTIDADES COLETIVAS: a representação de moradores de favela na produção cultural da televisão brasileira. **Intexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 14, p.1-21, 2006. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/download/4249/4433>>. Acesso em: 03 ago. 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho científico**. 23. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Felipe; MONTEIRO, André. PM dispersa protesto na zona leste; seis pessoas ficam feridas. 2014. **Folha de S.Paulo**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/06/1469132-pm-dispersa-protesto-na-zona-leste-cinco-pessoas-ficam-feridas.shtml>>. Acesso em: 19 jan. 2015.

SPa recebe Copa com bombas, repúdio à Fifa e devoção à seleção; veja vídeo. **Folha de S.Paulo**. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/multimedia/videocasts/2014/06/1469768-sp-recebe-copa-com-bombas-repudio-a-fifa-e-devocao-a-selecao-veja-video.shtml>>. Acesso em: 19 jan. 2015.

SPb, Comitê Popular. **COPA SEM POVO: TÔ NA RUA DE NOVO!**: MANIFESTO 15M. 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/860899833923793/>>. Acesso em: 02 ago. 2014.

THOMPSON, John B. A nova visibilidade. **Matrizes** / Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. – Ano 1, n.2 (jan. – jun. 2008) – São Paulo : ECA/USP : 2008, p. 15-38

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Três enfoques na pesquisa em Ciências Sociais: o Positivismo, a Fenomenologia e o Marxismo: Marxismo, materialismo dialético e materialismo histórico. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987. p. 49-79. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/84708933/Livro-Introducao-a-pesquisa-em-Ciencias-Sociais-Trivinos>>. Acesso em: 03 ago. 2014.

VEM pra rua. **#VemPraRua**. Disponível em: <<http://vemprarua.org/>>. Acesso em: 19 jan. 2015.